

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

## UM TEATRO EM DIÁSPORA: NOTAS DE APRESENTAÇÃO SOBRE O TEATRO ÍDICHE

Thiago Herzog

Thiago Herzog | Doutorado

Linha de Pesquisa | HTA

Orientadora | Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia Brandão

É historiador e professor de História (licenciado Cum laude) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em História Social, também pela UFRJ, debateu questões da história intelectual brasileira contemporânea, com ênfase nos estudos teatrais. Atualmente, cursa o doutorado em Artes Cênicas na UNIRIO, onde pesquisa a modernidade no teatro Yiddish no Brasil.



**UM TEATRO EM DIÁSPORA:  
NOTAS DE APRESENTAÇÃO SOBRE O TEATRO ÍDICHE**

Thiago Herzog

Profª Drª Tânia Brandão | Orientadora

A natureza diaspórica da comunidade judaica remonta a antiguidade. Uma série de estudos propõe que, para este grupo, o viver em exílio é uma característica fundamental. Esse movimento construiu agrupamentos de judeus em diferentes partes da Ásia, África e Europa, com características bastante singulares em cada região. No leste europeu floresceu, a partir do século X, com a criação do ídiche, um idioma derivado do alemão medieval, uma forma de falar, viver e produzir arte. Ele se tornou a língua de comunicação em guetos e *shtetls* (pequenas cidades judaicas) da região, onde os judeus se achavam apartados das comunidades locais.

Segundo Jacó Guinsburg (GUINSBURG, 1996), conversas particulares, cotidiano, discussões filosóficas, políticas, arte, teatro, música e, mais tarde, cinema, aconteceram nessa língua particular que costuma ser escrita em caracteres hebraicos, dentro dessas comunidades, que viveram séculos de separação e impossibilidade de assimilação aos povos *góis* (não judeus). Essa língua ainda é fortemente utilizada por alguns grupos judeus americanos (principalmente na cidade de Nova Iorque) e, em menor escala, israelenses. Uma das principais formas de expressão dessas comunidades era o teatro. Inicialmente, a cultura judaica tinha como tradição encenações na festa de Purim, repetindo anualmente a saga da Rainha Ester, o *Purim-Schpil* (peça de *Purim*), e mais tarde outras festas ganharam encenações, sempre a partir de um cunho folclórico e tradicional.

Ainda, existiam nessas comunidades atores/ poetas/ jograis/ bufões/ músicos/ acrobatas/ mestres de cerimônias performáticos, os *schpilmans*, que divertiam e contavam histórias para plateias; elocutores/ alegradores/animadores, os *marschaliks* ou *oubadkhans* (dependendo da região), que apresentavam ou comandavam, com humor, cerimônias, procissões etc,.

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

Primordialmente inspirando-se na literatura de Scholem Aleichem, principal literato que produzia em ídiche, Abrão Goldfaden, considerado o pai do teatro ídiche, escreveu a primeira peça não folclórica no idioma. Nascendo assim, um teatro singular, com uma produção que se propôs não mais encenar a tradição, mas colocar em cena as questões da comunidade em que estava inserido, com esses atores/animadores populares.

A partir desse teatro se desenvolveram companhias, atores profissionais, repertórios de peças, que aconteceram nos principais edifícios teatrais das cidades onde existiam comunidades judaicas no leste europeu, para um enorme e ávido público desejoso de produções em sua língua cotidiana. As peças se tratam de operetas cômicas e dramáticas, encenadas com orquestras ao vivo, que representam os dramas comunitários, ou mesmo clássicos ocidentais traduzidos e adaptados para o formato, como também nos conta Jacó Guinsburg. É dito que os musicais da Broadway e do cinema americano são desenvolvimentos diretos dessas operetas.

Com a pobreza e a fome dessas comunidades, além das perseguições populares e estatais como os *progroms* e, mais tarde, a *Shoá* propriamente dita, esses grupos se colocaram mais uma vez em diáspora, nas primeiras décadas do século XX, e imigraram para a Europa ocidental, para a Palestina e para as Américas.

As companhias teatrais costumavam, inclusive, já nas décadas de 1920 e 1930, cumprir temporadas nas Américas do Sul e do Norte, para os judeus já imigrados, mas é com o aprofundamento da *Shoá* que a maior parte desses judeus imigrou definitivamente para o Novo Mundo, já expulsa de quase toda a Europa Ocidental.

As cidades de Nova Iorque e de Buenos Aires tornaram-se centrais para a cultura ídiche nas Américas e, a partir delas, as companhias se juntavam e cumpriam temporadas em todas as capitais onde viviam judeus *asquenazes*, se juntando a atores profissionais locais. Além disso, diversos agrupamentos de judeus de diferentes regiões do leste europeu construíram clubes, bibliotecas, onde o teatro amador era uma prática constante, inclusive pela formação de *DramKraiz* (círculos dramáticos).

No Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo se tornaram os grandes polos dessa produção, sendo o primeiro o mais privilegiado pela vinda do grande diretor de teatro

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

ídiche polonês Zygmunt Turkow. Com grande aprendizado no teatro russo, e tendo atuado nas principais companhias de teatro ídiche polonês, do qual foi diretor de um importante grupo, Turkow era um encenador, que cumpria todos os requisitos da função com grande conhecimento de cenografia, figurino e iluminação. Ele foi casado com a filha de Ida Kaminska, considerada a mãe do teatro ídiche e dona da principal companhia de teatro ídiche polonês, da qual ele fez parte. Tendo imigrado para Buenos Aires, após um período em Recife, foi trazido à cidade do Rio de Janeiro pela associação entre os grupos amadores *Os comediantes* e o *DramKraiz*, da Biblioteca Brasileira-Israelita ScholemAleichem, a BIBSA, para montar teatro brasileiro e teatro ídiche, respectivamente, como Fausto Fuser o apresenta em sua tese (FUSER, 1987).

As contribuições de Turkow à modernização do teatro ídiche no Brasil e, mesmo embora em menor escala, ao teatro brasileiro, foram fundamentais para seus desenvolvimentos. Estando presente tanto no teatro profissional brasileiro como no amador ídiche, ele produziu espetáculos junto à BIBSA, que estrearam nos principais teatros do Rio de Janeiro e São Paulo, segundo Paula Ribeiro e Susane Worcman (RIBERIO, WORCMAN, 2013). Além disso, sua curta carreira junto à companhia *Os comediantes* fez com que dirigisse peças como *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues. A efervescência do teatro ídiche no Brasil aconteceu à margem do desenvolvimento do teatro brasileiro, principalmente considerando-se que este funcionava como uma das formas de resistência e de reconstrução cultural judaica, como nos adverte Nachman Falbel (FALBEL, 2013).

**REFERÊNCIAS:**

FALBEL, Nachman. *Estrelas errantes: Memória do teatro ídiche no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

FUSER, Fausto. *A "turma" da Polônia na renovação teatral brasileira, ou Ziembinski, o criador da consciência teatral brasileira?* Tese de Doutorado (Doutorado em Artes Cênicas). Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: USP, 1987.

GUINSBURG, Jacó. *As aventuras de uma língua errante*. São Paulo, Perspectiva, 1996.

RIBEIRO, Paula (Org.); WORCMAN, S. (Org.). *Drama & humor - Teatro Ídiche no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2013.